

Em 1887, era comum em Aparecida do Norte a modinha “Ô pescador da barquinha”. Conta o barqueiro traído pelo feitiço da mulher. Era cantada na sala grande da Fazenda dos Lemes, era cantada às margens do Paraíba prateado, quando se esperava o Marcolino barqueiro. Os remos do Marcolino deixavam um encanto nas águas – ninguém conseguia aquele friso ondulado, tão igual, tão lindo... Marcolino sentia a alma das coisas quando em seu barco atravessava o rio, levando e trazendo passageiros de Aparecida, do Putim. Em noite de lua, era a modinha aduetada, um seresteiro em cada margem e Marcolino cantando também, se distanciando, se aproximando...

- Ó pescador da barquinha!
- O que é lá?
- Quero passar do outro lado.
- Por quê?
- Quero dizer ao meu bem.
- O que?
- Que estou morto de saudade.
- Não faz mal que esteja!
- Ó pescador da barquinha!
- O que é lá?
- Onde tu vais enganado?
- Por quê?
- Essa mulher que tu levas,
- O que tem?
- Já foi mulher de um soldado.
- Não faz mal que fosse!
- Ó pescador da barquinha!
- O que é lá?
- Onde tu vais iludido?
- Por quê?
- Essa mulher que tu levas.
- O que tem?
- Tem um punhal escondido.
- Não faz mal que tenha!

Depois, o Marcolino morreu. Veio outro barqueiro, o Pedro, e veio também a ponte.

No fim do século passado, Aparecida era distrito de paz do município de Guaratinguetá. No pitoresco e vizinho bairro do Putim, residia Francisco José de Castro, senhor de diversas propriedades agrícolas, inclusive a Fazenda Amarela. Uma balsa no rio Paraíba unia os dois povoados. Balsa pequena, não facilitando o transporte e o comércio.

Sentindo quanto era difícil e minguava o serviço da balsa para o escoamento dos produtos de suas fazendas e passagem do seu gado, tratou de construir à sua custa, uma ponte de madeira sobre o rio Paraíba.

Tendo sido edificada uma ponte metálica em Guaratinguetá, demoliram a velha ponte de madeira, que unia a cidade ao bairro do Pedregulho, e o material foi por ele adquirido e transportado, parte pelo vaporzinho “Piaguhy”, do Engenho Central de Lorena, parte por carros de boi de sua propriedade, fazendo estes o percurso por Aparecida. Conta-se que, na baldeação da madeira, um homem caiu do vaporzinho perecendo afogado.

Achando que o caminho de Aparecida ao Putim não era bom, pois que as árvores se tocavam e seus ramos se uniam, tornando a passagem embaraçosa ao próprio pedestre, falou com Antonio Barbosa – o Totó da Ponte Alta, proprietário do terreno da margem direita do Paraíba, lado de Aparecida – para mudar o traçado tornando-o mais acessível ao povo. Totó concordou e fez-se novo caminho saindo da porteira, não muito distante do outro caminho, que serve até hoje para todo comércio e ligação entre Putim e Aparecida.

Trazia o material de Guaratinguetá e deixado às margens do rio, iniciou-se a construção. Duas vezes foi começada do lado do Putim, mas, devido ao xisto existente, não ia avante. Tentaram, por esse motivo, as obras do lado de Aparecida. As estacas, apesar de serem fincadas e batidas por meio de um bate-estaca, não se afirmavam no leito do rio, devido suas formação ardósiana. Mandaram fazer uns ponteiros de ferro para serem adaptados para serem adaptados a cada estaca, facilitando a penetração no xisto. Depois de fincados no fundo do rio, seguras por homens e cordas, entrava em ação o célebre bate-estaca. Por cima do andaime, que ia de uma à outra margem fez-se uma armação de madeira em forma de duas escadas, com um intervalo de 60 centímetros, e muito bem travada. Uma carretilha possante estava na viga suporte, na parte superior da armação, entre as duas escadas, em cujo vão devia correr o peso bate-estaca.

O pobre e primitivo bate-estaca do Putim era, afinal, uma simples e pesada peça de ferro, em forma quase de pirâmide quadrangular, tendo na parte menor uma argola, à qual se deveria prender um cabo de aço, que giraria na carretilha.

Mas faltou, na ponte do Putim esse cabo e uma corda o substituiu.

Quando os homens, de um só lado, puxavam de jeito, cada qual guardando a corda em suas mãos para depois largá-la de vez, o bate-estaca solto da altura, porém preso pela corda, batia na cabeça da estaca para que esta, sob sua pressão, se aprofundasse no leito do rio. Depois de trinta batidas, depois que braços se erguiam e desciam trinta vezes, num trabalho rítmico e duro, a estaca afundava 20 ou 25 cm... Certo dia, o bate-estaca não estando bem a prumo, ao dar pancada, escapou e caiu na água, arrastando o Gastão e outros auxiliares, sendo que um deles teve o destino de não se salvar, morrendo imprensado. Gastão era carpinteiro empregado na E.F.C.B. que, juntamente com o senhor Lamas, português residente em Aparecida, haviam sido contratados para esse serviço. Para ser retirado o bate-estaca do fundo do Paraíba, grande foi o trabalho. Mergulhadores, entre eles o Tobias, do Putim, o laçaram e depois o puxaram, dentro de muito sacrifício.

O bate estaca da ponte do Putim foi tão falado que cresceu, aumentou na imaginação do povo e hoje, dizem, pesava mais de quarenta arrobas...

Após a construção, o bate-estaca ficou do lado da ponte, perto de um bambual, por mais de dez anos. Constituíam um desafio para medir força. Rapazes de Aparecida, do Putim, faziam grupos, apostas, para ver quem o movia. E esse, era um só, o Tobias, o mesmo que o trouxera do fundo do Paraíba... e pequeninas e prateadas ondas do rio batiam no bate-estaca, como fios de uma renda cobrindo algo que se quer e não se alcança!

Ao lado do andaime, ao lado dos homens, estava o guincho. Uma balsa especial o conduzia. O guincho puxava os esteios, as estacas, as pranchas, os pranchões, as vigas, auxiliando também o levantamento do bate-estaca. Era uma peça pequena, com quatro pés, um cilindro central para o enrolamento da corda e o pega-mãos.

A balsa se movia lentamente, levando o guincho à medida da marcha do trabalho. Quando chegou ao meio do rio... a balsa não parava... a correnteza não deixava, aquela mesma correnteza que era cortada e recortada pelos remos do Marcolino, em trêmulos e fugitivos desenhos... O trabalho manual substituiu o do guincho e a ponte inaugurou-se em junho de 1900. O vigário de Aparecida, padre Gebardo, a benzeu, entre bandeirinhas coloridas de papel de seda; entre folhas e leques de palmeiras. Soltaram foguetes. A Banda de Música Aparecidense, sob a direção de José Catarina Gonçalves, tocou lindos dobrados: "Campos Sales", "Socialista" e "Solidão". "Solidão" era um dobrado sentimental do circo de Albano Pereira – uma cópia foi deixada em nossa terra. As bandeirinhas coloridas continuavam até o largo do Senhor Bom Jesus, onde houve missa na célebre igrejinha e na fazenda foi servido grande almoço.

O caminho novo era admirado. Aparecidenses, guaratinguetenses, pessoal de Roseira, e dos bairros distantes, cantando e brincando, chegavam até a ponte, se debruçavam nas grades, atirando pedrinhas que, em ligeiros rodamosinhos, desapareciam no rio.

A ponte era bonita. Dois pranchões, um de cada lado, assoalho com pranchas e vigas bem postas e o saudoso parapeito. Sustentavam a ponte cinco conjuntos de quatro estacas, com duas traves em forma de "X".

A ponte era um marco para encontros, um ponto para negócios e um apoio para tristezas e meditações. Quanto serviu...

Francisco José de Castro, do alto do barranquinho, dominava com o olhar a sua construção. Era uma figura respeitosa. A barba branca cascadeava-lhe sobre o peito. Um sorriso transparecia em seus lábios quando, no Putim, se encontrava com moradores de outros bairros. Todos vinham pelo mesmo caminho, pela mesma ponte.

No dia da inauguração a passagem foi gratuita. Do dia seguinte em diante cobrou um pedágio: um tostão por pedestre, amortizando as despesas e concorrendo para a conservação. Uma tabuleta na porteira dizia o "porquê" do pagamento. O cobrador, do lado do Putim, ficava em uma cadeira dentro da ponte, perto de uma porteira de ferro fechada a cadeado. Em cima da porteira, um lampião. Aceso todas as noites, menos nas de lua, projetava um clarão na superfície do rio. Mas, todos preferiam o outro, o clarão do luar!

Foram os seguintes os cobradores: Galdino Barbosa, Francisco de Paula Tobias, Rodolfo Italiano.

Rodolfo sabia pequenos trechos de música de ópera e muita gente parava na ponte para ouvi-lo cantar: "Os sinos da Itália".

Tobias morou em uma guarita, ao pé da ponte. Quem vinha de Aparecida, girtava: "Ó homem da ponte". Devido a topografia do município, colinas e morros altos, ouvia-se o eco: "da ponte..."

A despesa da construção foi grande. Daí a necessidade de aumento da referida taxa, que passou a ser: pedestre, 200 réis; cavaleiro, 500 réis; trolé, dez tostões; carro de boi, dez tostões; carroça, dez tostões.

Havia bois que tinham medo de atravessar a ponte. Eram tirados do carro e soltos sem a canga, para que um não empurrasse o outro, evitando-se, assim, a queda do animal no rio. E mesmo sem a carga ficavam emperrados. O carreiro batia com a guiada e a roseta, deixava-os em terra e vinha buscar o carro. Quando este transportava carga, esperava-se o auxílio de um amigo ou de um compadre.

Devido aos freqüentes alagamentos da várzea, tornou-se imprescindível a construção de dois aterros e dois pontilhões – um, perto do Totó Barbosa, e outro quase no fim do caminho. Um deles ainda existe. Tendo a Câmara Municipal de Guaratinguetá conseguido do Governo do Estado a autorização, Francisco José de Castro tomou a si a empreitada, despendendo a importância de 1:797\$252. Concluído o serviço, requereu a Câmara à Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, o respectivo pagamento por ofício de 14 de fevereiro de 1902, o qual é enviado pela Superintendência de Obras Públicas ao engenheiro-chefe do 2º distrito para informar.

Esse engenheiro-chefe do 2º distrito era Euclides da Cunha que veio pessoalmente ver o serviço.

Euclides da Cunha em Aparecida do Norte!

Os pontilhões estão no caminho que Totó Barbosa ofertou, estão dentro de Aparecida. E o grande escritor e poeta, “místico de celta, de tapuia e grego”, esteve nesse dia em Aparecida do Norte!

E, se das margens do rio voltou o olhar para a paisagem sentiu deslumbramento da colina onde está Aparecida, onde está a Basílica Nacional, tão bela, tão linda, que mais parece um presépio...

Do outro lado, duas paineiras floridas, quase à cabeceira da ponte, na subida para a igreja do Bom Jesus – o Senhor Bom Jesus da Cana Verde – padroeiro do Putim.

A outra paineira lá se ficara florindo e agasalhando a “choupana” de São José do Rio Pardo – agasalhando com arminho e florindo com saudades “Os Sertões”.

Certamente, Euclides da Cunha, quando aqui esteve, no mês de fevereiro, no mês de março de 1902, viu floridas essas duas paineiras da cabeceira da ponte, e quem sabe – é Guilherme de Almeida quem o sabe – olhando-as, se recordou do seu glorioso São José do Rio Pardo...

E, como poeta, não teria perguntado:

*Ó paineira com flores roxas do Putim, sois mensagem de saudade para mim?...*

... paineiras floridas pela manhã, onde os raios do sol parecem mil velas iluminando uma saudade!

Para Euclides, a Saudade iluminada em sua passagem por Aparecida...

O povo do Putim, contente em visitar a Santa da Capela, atravessava a ponte com a família, trazendo lanche, passando quase o dia todo em Aparecida, naquela reunião antiga de parentes e comadres. Vinha também para negócios e comércio; alguns prosseguiram até Guaratinguetá. Os aparecidenses, devotos do Bom Jesus, corriam para pagar promessas e fazer outras. Iam de trolis: 5\$000 ida e volta. Os trolis eram de propriedade de Zé Piloto, Joaquim de Castro, Virgílio, Gerus. O percurso demorava meia hora, à sombra de um bambual. Quando o caminho estava seco, a poeira se levantava e puxava-se a cortina do trolis. Quando chovia, a cortina era presa. Com o tempo bom erguiam-se as cortinas e os passageiros ficavam voltados para trás, vendo Aparecida ao longe, com seu caminho ainda úmido de chuva, as crianças, seguras pela cintura para que não se debruçassem tanto, iam divertidas, vendo o sulco deixado pelo trolis e as “cocadas de barro” ao lado.

Atravessada a ponte, era de praxe tomar a garapa do Geraldo, ali pertinho. Romeiros não deixavam também de passear no Putim.

As festas do Bom Jesus celebradas com novenas cantadas, no mês de agosto, eram bastante concorridas. A ponte facilitava tudo e trolis iam, um atrás do outro, num quadro que não mais se vê, não mais se fala.

Em 1904, mais ou menos, houve uma grande enchente, batendo a água no assoalho da ponte. Promessas, orações, não conseguiram abaixar o nível. Quando duas mãos piedosas colocaram na ponte a imagem de Nossa Senhora Aparecida, achada ali adiante, o milagre se deu e a água diminuiu.

Em maio de 1908, faleceu Francisco José de Castro, com 80 anos de idade. Viu e sentiu o benefício da ponte – mas, sofreu também! A despesa com os pontilhões foi um caso que o afligiu, porque houve interferência política. Só após sua morte, seu filho Getúlio de Castro, falando com o senhor Nero de Almeida Sena, então secretário da Câmara, sobre aquela quantia de 1:797\$252, conseguiu resolver o impasse, sendo o dinheiro dividido entre a viúva e os filhos.

Em 1910, mais ou menos, Dom Epaminondas Nunes, Bispo de Taubaté, esteve em visita pastoral no bairro do Putim, crismando seus paroquianos. Foi um dia de festa para a ponte. Trolis com a comitiva acompanhante dos sacerdotes, e muitos fiéis, com o padre Estevam à frente, abrindo passagem com o seu inseparável guarda-chuva.

O Padre Helvécio Gomes de Oliveira, salesiano do Colégio São Joaquim, em Lorena, depois nomeado Dom Helvécio, Arcebispo de Mariana, fazia sempre passeios ao Putim, tirando fotografias na ponte.

Os anos se passaram, Putim uniu-se mais a Aparecida do que a Guaratinguetá. União espiritual. Intercâmbio de comércio. Amizade entre as famílias. A ponte era cantada em violão e rimada em versinhos. Iniciais se cruzavam na madeira. Iniciais dos que se queriam bem. Mas... a correnteza leva tudo e os destinos também...

Em um cantinho havia um enigma pitoresco:

“É A (riscado) viajar (cem virado)”. Brincadeira de alguém que não levou sua galinha, ou farofa, para o piquenique. Os anos se passaram. Já era célebre a farinha do Putim. A garapa. A rapadura.

Mas, um dia... quando o troli do Virgílio entrava na ponte, com um burro e um cavalo – Macaco e Mimoso – a ponte caiu...

Durante muito tempo, quem ia à Sala dos Milagres, em Aparecida, via um ingênuo quadro a óleo reproduzindo o desastre. O Almanaque de Nossa Senhora Aparecida, de 1935, à página 46, traz o quadro e a narrativa:

“O senhor José Ambrósio de Oliveira Borges (meu avô) possuía uma chácara no bairro do Putim, próximo a esta cidade. Todos os dias fazia o percurso, num troli, atravessando uma ponte sobre o Paraíba. Um dia, em fins de agosto de 1914, como de costume, ele foi de manhã e pediu que não lhe mandassem o almoço, porque pretendia voltar. Chegando lá, à vista de muito serviço, resolveu ficar até à tardinha. O troli ia voltar vazio, e o senhor Getúlio de Castro, que acompanhado de seu filho, dirigia-se para Aparecida, aproveitou a condução. No momento em que entrava na ponte, esta desabou. Os passageiros gritaram por Nossa Senhora e, com sua proteção visível puderam sair pela janela de trás do carro. O sr. Virgílio de tal, que era o boleiro, caiu no rio, porém conseguiu também salvar-se”.

Foi o último troli. Foi o último dia da ponte do Putim. E seus últimos passageiros: o senhor Virgílio Antunes dos Santos, o boleiro, atualmente com 81 anos de idade, residente em Aparecida; Getúlio Galvão de Castro, hoje com 73 anos de idade e seu filho Getúlio, residentes no bairro do Pedregulho, Em Guaratinguetá. Getúlio e Getulinho eram filho e neto de Francisco José de Castro.

Coincidência, encadeando em elos os fatos para que se possa concluir e sentir a alma das coisas. E, além disso justamente quando estava para vencer o prazo estipulado sobre os direitos da ponte, revertendo a mesma para a Câmara de Guaratinguetá, ela como que se rejeita ao contrato, e vai para a correnteza. Aquela mesma correnteza que era cortada pelos remos do Marcolino, em trêmulos e fugitivos desenhos. Aquela mesma correnteza que levou tudo e os destinos também!

— Correnteza do Paraíba, onde deixaste o material da ponte? Dentro e outros rios que vieram de “Os Sertões”?

— Correnteza da Vida, onde levaste aquelas iniciais que se cruzavam na madeira, no parapeito da ponte? Para dentro dos corações?

A correnteza leva tudo e os destinos também...

Há fatos, lendas que crescem e ficam páginas da história para crianças e adultos. Há fatos e lendas sobre a ponte do Putim. Consegui estes conhecidos em toda a Aparecida, e até hoje contados, porque viveram dentro das próprias famílias aparecidenses e são transmitidos através das gerações.

Contam que um senhor de Aparecida, inteligente e de boa família, não gostava de pagar os 200 réis da travessia da ponte. Combinava com uns amigos, fingia-se de bêbado, era carregado e... não pagava.

Contam que o Tobias, o cobrador, passou a morar em uma guarita, pertinho da ponte. Para atender mais prontamente os chamados, ajeitou na porteira um arame que, dando uma volta entrava na guarita e ficava sobre sua cabeceira, junto à campainha. Uma noite, alguém bebeu... cortou o arame e a campainha caiu bem no rosto do Tobias!

Contam que o senhor Nunes, escrivão, deixava o Cartório e ficava horas a fio pescando... e, à margem do Paraíba, fazia os assentos de nascimentos, óbitos e lá mesmo esquecia os papéis, e, muitas vezes, até o samburá. Chegando ao Cartório, já da janela atirava os peixes para os seus vinte gatos. Lembrando-se dos registros, quando se lembrava... fazia-os ao seu modo. O nome e o sexo eram trocados e, se não se recordava bem, a criança não era registrada!...

— Ó ponte, quantos nomes ouviste, nomes que vinham para a Vida e nomes que iam para a Morte!

Estes casos e lendas recolhi de pessoas idosas, que “viram”, que souberam.

“Viram” um troli sair da várzea, entrar na ponte e aparecer do outro lado. E a porteira da ponte, fechada a cadeado...

“Viram” um “boitatá” que, em certas noites, ficava na estaca da ponte. Brilhava, brilhava tanto que até refletia no Paraíba. Mas, o cobrador Chico de Paula, era valente por ter sido feitor em fazenda de escravos. E, uma noite, resolveu ver o “boitatá” de perto – mas o “boitatá” mudou de repente e pulou em um pau de “guamixama” e foi se apagando, se apagando...

Disse Chico Paula que era um vagalume, mas, disseram todos que o Chico de Paula quebrou o “encanto” do “boitatá” porque nunca mais ele brilhou, nunca mais ele “tomou” água do Paraíba...

Na metade do caminho que vai ao Putim, à esquerda, existe o “Caaparapá”, matazinha cerrada, com sombrios corredores cobertos pela ramaria, quase todos guirlandados por resistentes e misteriosas teias de aranha. Lenda antiga, conta e prova ser o “Caaparapá” um lugar assombrado. Vamos ouvi-la de um aparecidense de mais de oitenta anos:

— No caminho que vai para o Putim, na mata, há um lugar bem fechado, onde existem duas árvores juntas, com o tronco muito grosso. Nesse lugar ninguém tira madeira porque é assombrado – é onde mora o “Corpo Seco”. Chama-se Caaparapá. As mulheres que têm casa perto da mata não pegam um pau de

lenha, porque ouvem barulho. No meio das árvores, existe também uma lagoa grande mas, ninguém vai tirar peixe, porque o “Corpo Seco” não deixa. Um dia, um pescador valente contou prosa, foi pescar na lagoa e ouviu uma voz: “larga o peixe aí...” Ficou amedrontado, cabelo arrepiado e quase não podia andar. Quando o “Corpo Seco” vê alguém que vai atravessar o rio, se ajeita como sombra no pau que fica na ponte. E, antigamente, quando ouvia alguém chamar o homem da ponte, ele respondia: “da ponte...” Muita gente não anda por esse caminho à noite, porque o “Corpo Seco” costumava ir atrás, dando uma sombra que ninguém tinha igual. Depois o “Corpo Seco” se mudou. Saiu do Caaparapá e ficou do lado do Putim”.

É assim mesmo. Dentro das matas e dentro de “Os Sertões” há muita coisa encantada! Há vertente que some de repente, árvores que querem falar porque têm galhos que parecem braços e todos os rios têm o seu “quebranto”, os seus mistérios.

Penso nos mistérios dos rios...

Rio prateado como o Paraíba é sempre límpido, não traz nada das matas, mas, na pureza das águas, trouxe a Padroeira do Brasil.

Rio Pardo traz mistérios de “Os Sertões”.

Em um lugar de São Paulo havia um rio pardo. Rico fazendeiro mandou construir, em 1870, próximo à margem, uma capela sob a invocação de São José. E São José abençoa e guarda todos os mistérios, vozes e encantos, que o Rio Pardo traz de “Os Sertões”.

... e há uma paineira cheia de flores, em Aparecida, onde os raios do sol parecem mil velas iluminando a Saudade para Euclides da Cunha...

Aparecida 7 de março de 1963.  
Publicado na Revista Ecos Marianos, 1965